

Guia bibliográfico sobre mulheres e feminismos: novas perspectivas para o campo da comunicação

Bibliographic guide on women and feminisms: new perspectives for the field of communication

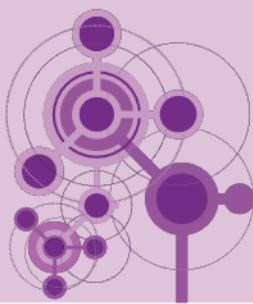
Guía bibliográfica sobre mujeres y feminismos: nuevas perspectivas para el campo de la comunicación

Milene Rocha Lourenço Leitzke

- Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- Mestra em Gestão e Sustentabilidade pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
- Especialista em Assessoria de Comunicação.
- Graduada em Relações Públicas pela UEL.
- Relações Públicas e Chefe do Departamento de Culturas e Comunicação da Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila).
- E-mail: milene.rrpp@gmail.com

Maria Aparecida Ferrari

- Professora Associada II da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
- Livre-Docente em Relações Públicas pela ECA-USP.
- Doutora em Ciência da Comunicação pela USP, com período de estudos na Universidade de Maryland, Estados Unidos.
- Mestra em Ciências da Comunicação pela USP.
- Graduada em Ciências Sociais pela USP e em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social Anhembi.
- E-mail: maferrar@usp.br



Resumo

Gênero e feminismo são temáticas que precisam ser discutidas de forma transversal em todas as áreas do conhecimento. Pensando nisso, este estudo apresenta um “guia bibliográfico”, que traz referências de autoras e autores do pensamento feminista, visando contribuir para a ampliação das discussões sobre os pontos de intersecção e tensionamentos com o campo das relações públicas e comunicação organizacional, os quais carecem de estudos sobre os processos comunicacionais a partir de lentes que questionem a heternormatividade e a hegemonia eurocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMOS • DECOLONIALISMO • COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL • RELAÇÕES PÚBLICAS.

Abstract

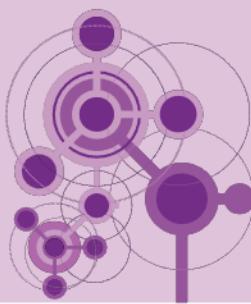
Gender and feminism are themes that need to be discussed transversally in all areas of knowledge. In that regard, this study presents a “bibliographic guide” that brings references of authors of feminist thought, aiming to contribute to the expansion of discussions about the points of intersection and tension with the field of public relations and organizational communication, which lack studies on communication processes from lenses that question the heteronormativity and Eurocentric hegemony.

KEYWORDS: FEMINISMS • DECOLONIALISM • ORGANIZATIONAL COMMUNICATION • PUBLIC RELATIONS.

Resumen

El género y el feminismo son temas que deben debatirse de forma transversal en todas las áreas del conocimiento. Así este estudio presenta una “guía bibliográfica”, que trae referencias de autoras y autores del pensamiento feminista, con el objetivo de contribuir a la ampliación de las discusiones sobre los puntos de intersección y tensión con el campo de las relaciones públicas y la comunicación organizacional, que carecen de estudios sobre los procesos de comunicación a partir de lentes que cuestionen la heternormatividad y la hegemonía eurocéntrica.

PALABRAS CLAVE: MUJERES • FEMINISMOS • DECOLONIALISMO • COMUNICACIÓN ORGANIZATIVA • RELACIONES PÚBLICAS.



INTRODUÇÃO

Pensar as relações públicas e a comunicação organizacional a partir de uma perspectiva feminista suscita reflexões sobre o longo caminho que ainda existe para que a igualdade de gênero seja alcançada, tanto em relação aos direitos trabalhistas e educação, quanto à participação na política.

Mesmo com avanços ocorridos nas últimas décadas, as mulheres continuam enfrentando múltiplas opressões, que se intensificam conforme a influência dos marcadores sociais da diferença, como raça, etnia, origem, sexualidade e classe social. De acordo com Helena Hirata (2002), com o aumento da participação feminina no mundo do trabalho, foi se estabelecendo um processo denominado de bipolarização, que passou a separar o trabalho das mulheres de acordo com os níveis de estudo e novas construções implicadas à ideia de qualificação.

Deste modo, de um lado extremo encontramos profissionais altamente qualificadas, com salários equivalentes aos dos homens, no conjunto da mão de obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juízas, etc.) e, no outro extremo, estão as trabalhadoras de “baixa qualificação”, com salários ínfimos e que executam tarefas sem reconhecimento nem valorização social (Hirata, 2002).

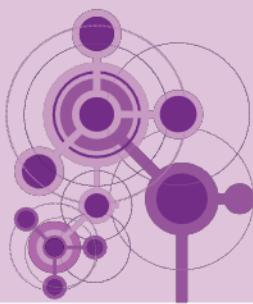
Vale destacar que a presença feminina na trajetória das relações públicas no Brasil começou em 1971 com a publicação da obra *Relações públicas: teoria e processo*, de Martha Alves D'Azevedo, seguida, na década de 1980, pelas obras de Hebe Wey (*O processo de relações públicas*), de 1983, e de Margarida Kunsch (*Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*) e Cícilia Peruzzo (*Relações públicas no modo de produção capitalista*), ambas de 1986.

Segundo James Grunig (2003, p.71), nos Estados Unidos “aproximadamente 75% dos estudantes de Relações Públicas e 60% dos profissionais ativos são mulheres”. Tal resultado se repete no Brasil, de acordo com Ferrari (2011, 2017). Porém, a maior parte delas, embora sejam graduadas e especialistas na área, enfrentam desigualdade salarial e não ocupam os mesmos postos e funções em comparação aos homens; além disso, sofrem discriminação pelo fato de serem mulheres e são vítimas de violência simbólica e cultural (Galtung, 2003). Essas desigualdades impactam a ocupação de cargos de carreira, salário, promoção, oportunidades, discriminação e assédio sexual (Aldoory; Toth, 2002).

Larissa Grunig, Elizabeth Toth e Linda Hon (2001) comentam que a feminização da profissão e a crença de que a atividade de relações públicas seja “trabalho para mulheres” podem ter sido o fato que impactou a imagem pública da profissão e o modo como as mulheres são tratadas no mundo do trabalho. As autoras revelam que, mesmo quando as mulheres ocupam funções gerenciais, suas atividades ficam muitas vezes restritas a funções técnicas, enquanto os homens, em funções gerenciais, são condicionados a assumir posições estratégicas nas organizações (Grunig; Toth; Hon, 2001).

Diante das reflexões apresentadas, este artigo busca sublinhar a necessidade de se intensificarem as discussões sobre as distintas correntes dos feminismos no campo da comunicação organizacional e relações públicas no Brasil, pois trata-se de questões transversais que não podem ser entendidas separadamente, especialmente pela inter-relação que estabelecem uma com a outra.

Mediante este entendimento, esse texto apresenta um “guia bibliográfico” que traz referências de autoras e autores que trabalham com distintas correntes feministas, a fim de facilitar a compreensão do pensamento feminino e contribuir para



a construção de uma agenda que possibilite gerar reflexões sobre os pontos de intersecção e tensionamentos com o campo da comunicação organizacional.

Para a realização deste artigo, foram selecionados materiais que contemplam as teorias feministas nas suas diferentes vertentes. A seleção dos trabalhos aqui apresentados foi feita com base nas bibliografias utilizadas pelas obras clássicas do pensamento feminista. Em um primeiro momento, foi feito um levantamento de livros e artigos clássicos sobre o assunto; em seguida, realizou-se uma análise atenta dos autores e autoras referenciados publicados nos últimos anos. A partir disso, foram compilados os estudos que passaram, então, a compor o guia proposto por este artigo, buscando trazer obras brasileiras, ainda que não em quantidade expressiva. Os materiais encontrados foram divididos e subdivididos em sete categorias que servem de base e conhecimento transversal aos estudos da comunicação, a saber: a) Decolonialismo e feminismos; b) Gênero, feminismos e patriarcado; c) Feminismo Negro; d) Feminismo e as mulheres da fronteira (mestiças e indígenas latino-americanas); e) Feminismo e a pessoa com deficiência; f) Feminismo e maternidade; e g) Transexualidade e o transfeminismo.

DECOLONIALISMO E FEMINISMOS

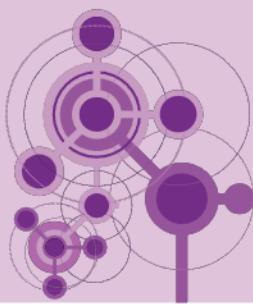
Os estudos acadêmicos decorrentes da luta feminista, intitulados inicialmente de “estudo de mulheres” ou “estudos feministas” – mais tarde de “estudos de gênero”, e, recentemente, “estudos do campo feminista de gênero” (Matos, 2010) –, têm demonstrado cumprir um papel importante na transformação de um panorama científico, até então marcado por um protagonismo essencialmente masculino. Por meio da introdução de novos conceitos e do questionamento de pressupostos, tais estudos puderam efetivamente revisitar e atualizar arcabouços teóricos de diversas áreas do conhecimento humano em termos de gênero (Matos, 2010).

A historiografia dos estudos de gênero localiza os primeiros “estudos de mulheres” (“*women's studies*”) no início dos anos 1970 nos Estados Unidos, como uma consequência do clima político no país desde o final dos 1960, com os movimentos pelas liberdades civis (Crouch, 2012). As limitações desses estudos em termos de raça, origem, localização geográfica, entre outros marcadores, logo foram apontadas por feministas negras, asiáticas, latino-americanas e africanas no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 (Crouch, 2012). Ainda que com muita resistência e enfrentando muitas críticas, a teoria política feminista branca e anglo-saxã segue tomando o protagonismo na ciência ao redor do mundo. Assim, novas propostas teóricas, especialmente do Sul Global, têm tensionado esse debate e caracterizado uma luta por maior espaço e representação no campo da produção de conhecimento, à medida que ativamente negam a incorporação acrítica de teorias importadas. O feminismo decolonial é uma dessas propostas. O Quadro 1 traz as sugestões de artigos e o Quadro 2 apresenta sugestões de livros que discutem a relação entre feminismo e decolonialismo.

Quadro 1: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
ARAUJO, Cibele de Guadalupe Sousa; SILVA-REIS, Dennys	Traduzir o feminismo: um subsídio decolonizador	Revista Água Viva, v.6, n.3	2022
BALLESTRIN, Luciana	América Latina e o giro decolonial	Revista Brasileira de Ciência Política, n.11	2013
GROSFOGUEL, Ramón	Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global	Revista Crítica de Ciências Sociais, n.80	2008

Continuará...

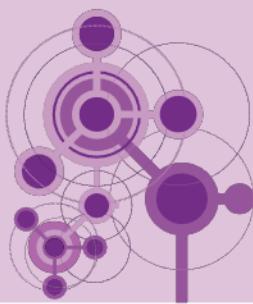


Quadro 1: Continuação

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
MIGNOLO, Walter D.	Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade	Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.32, n.94	2017
PULIDO, Elena Margarita Cacheux	Feminismo chicano: raíces, pensamiento político e identidad de las mujeres	Reencuentro, n.37	2003
SEGATO, Rita Laura	Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico decolonial	e-cadernos CES, n.18	2012

Quadro 2: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
CÉSAIRE, Aimé	Discurso sobre el colonialismo	Madrid: Akal	2006
CURIEL, Ochy	Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2020
FANON, Frantz	Os condenados da terra	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira	1961
HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.)	Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2020
LAZREG, Marnia	Decolonizando o feminismo (mulheres argelinas em questão). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2020
LUGONES, María	Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2020
LUGONES, María	Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2019
MALDONADO-TORRES, Nelson	Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). Decolonialidade e pensamento afrodispórico	Belo Horizonte: Autêntica	2018
QUIJANO, Aníbal	Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas	Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso)	2005
RESENDE, Ana Catarina Zema de (tradução)	Não à “união nacional” por trás dos imperialistas! Sim à “união política”, antirracista e anti-imperialista!	Paris: Groupe Décolonial de Traduction	2015
VERGÈS, Françoise	Um feminismo decolonial	São Paulo: Ubu	2020



GÊNERO, FEMINISMOS E PATRIARCADO

A antropóloga Rita Segato (2012) considera que a categoria gênero existe desde os contextos pré-coloniais, mas de forma diferente da que assume na modernidade colonial. Ela sugere que, quando o colonizador penetra os tecidos locais, ao deparar-se com o gênero, transforma-o perigosamente. Segato (2012) descreve, então, um processo de intervenção nas estruturas sociais da aldeia, seguido da apreensão de seus marcadores sociais e, por fim, do rearranjo das relações de poder a partir de dentro, mantendo uma aparência de continuidade pela linguagem (as mesmas nomenclaturas passam a descrever fenômenos sociais novos), modificando os sentidos, ao estabelecerem normas diferentes, impostas.

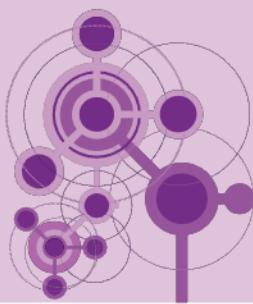
Lugones (2014) explica que a intromissão colonial levou a uma reconstrução do conceito ocidental de gênero, agora interseccionado com o novo conceito de raça. Para a autora, a meta civilizatória de desumanização, subjugação e bestialização do “outro” colonial transformou o dimorfismo sexual como base para a compreensão dicotômica do gênero, a característica humana (Lugones, 2014).

Na prática, esse processo desdobra-se em dois fenômenos paralelos: a emasculação e a hipervirilização dos homens racializados em diferentes contextos. No primeiro, que se dá no ambiente extracomunitário, o homem não-branco é emasculado frente ao colonizador branco e seu poder usurpador. Concomitantemente, tais homens colonizados, agora portadores de masculinidades racializadas, são cooptados pelo colonizador como seus interlocutores políticos: é com os homens que os colonizadores negociam, não com as mulheres. Assim, realiza-se o segundo processo: a superinflação do ego do homem racializado perante as mulheres racializadas. Esse segundo processo conclui-se dentro da aldeia, no ambiente comunitário. Por fim, a esfera pública é, junto da categoria “homem”, superinflada e universalizada em detrimento da esfera doméstica, privatizada e colapsada, como a categoria “mulher”. A binarização é, dessa forma, efetivamente alcançada.

Segato (2012) caracteriza esse processo como “violentogênico” porque, de um lado, oprime e, de outro, empodera as masculinidades racializadas, obrigando-as a reproduzir os papéis de controle inerentes ao sujeito masculino no único ambiente em que se torna possível restaurar sua virilidade: na aldeia, frente às mulheres, agora domesticadas e desprovidas de poder político. A eles também foi conferido o acesso privilegiado a recursos e conhecimentos sobre o mundo do poder, enquanto elas viram seu próprio espaço de poder, o doméstico, expropriado de tudo que nele fosse político (Segato, 2012).

Como consequência do processo de binarização, a sexualidade também foi transformada, sendo nela injetada uma moralidade que antes não existia no mundo-aldeia. Essa nova moralidade, moderna e ocidental, reduz o corpo das mulheres a objeto, isto é, passível de ser instrumentalizado pelos homens a depender de suas vontades, ao passo que também introduz uma noção de pecado nefasto, crime hediondo e outras noções correlatas ao corpo das mulheres e à sexualidade no geral. Essa objetificação e exteriorização da sexualidade fazem parte do que Segato (2012, p.120) denomina “olhar pornográfico”, o olhar colonizador derivado da exterioridade colonial moderna: “exterioridade da racionalidade científica, exterioridade administradora, exterioridade expurgadora do outro e da diferença”.

Sobre isso, apresentam-se algumas referências, divididas entre artigos publicados em revistas (Quadro3) e livros (Quadro4), que podem contribuir para discorrer sobre este tema e potencializar as discussões sobre as consequências do patriarcado na sociedade contemporânea.



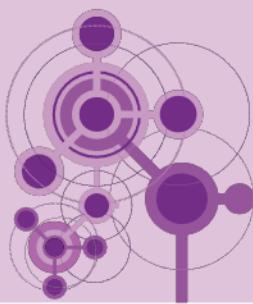
Quadro 3: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
BUTLER, Judith	Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista	Caderno de Leituras, n.78	2018
FRASER, Nancy	Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação	Revista Estudos Feministas, v.15, n.2	2007
FRASER, Nancy	O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história	Mediações, v.14, n.2	2009
HIRATA, Helena	Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais	Tempo Social, v.26, n.1	2014
HIRATA, Helena	Gênero, patriarcado, trabalho e classe	Trabalho Necessário, v.16, n.29	2018
HIRATA, Helena	Mulheres brasileiras: relações de classe, de "raça" e de gênero no mundo do trabalho	Confins, n.26	2016
HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle	A classe operária tem dois sexos	Revista Estudos Feministas, v.2, n.3	1994
SCOTT, Joan	Gênero: uma categoria útil de análise histórica	Educação & Realidade, v.20, n.16	1995
WINTER, Sylvia	No humans involved: an open letter to my colleagues	Knowledge on Trial, v.1, n.1	1994

Quadro 4: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
ADICHIE, Chimamanda Ngozi	Todos deberíamos ser feministas	Barcelona: Literatura Random House.	2016
AHMED, Sara	Viver uma vida feminista	São Paulo: Ubu	2022
AKOTIRENE, Carla	Interseccionalidade	São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen	2019
ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline.	O que é feminismo	São Paulo: Brasiliense	1991
ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy.	Feminismo para os 99%: um manifesto	São Paulo: Boitempo	2019
BARRANCOS, Dora.	História dos feminismos na América Latina	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2022
BIROLI, Flávia	Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil	São Paulo: Boitempo	2018
BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco	Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina	São Paulo: Boitempo	2020
BORGES, Juliana	Encarceramento em massa	São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen	2019

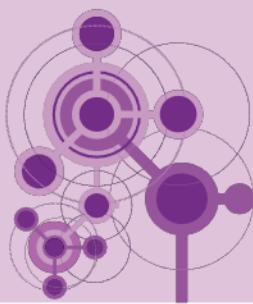
Continuará...



Quadro 4: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
BUENNO, Winnie et al. (org.)	Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil	Porto Alegre: Zouk	2017
BUTLER, Judith	Críticamente subversiva. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer	Barcelona: Icaria	2002
BUTLER, Judith	Cuerpos aliados y lucha política: hacia una teoría performativa de la asamblea	Buenos Aires: Paidós	2017
BUTLER, Judith	Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"	Buenos Aires: Paidós	2008
BUTLER, Judith	Marcos de guerra: las vidas lloradas	Barcelona: Paidós	2010
BUTLER, Judith	Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade	Rio de Janeiro, Civilização Brasileira	2003
BUTLER, Judith	Vida precaria: el poder del duelo y la violencia	Buenos Aires: Paidós	2006
COLLINS, Patricia Hill	Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: MORENO, Renata (org.). Reflexões e práticas de transformação feminista	São Paulo: SOF	2015
DAVIS, Angela	Estarão as prisões obsoletas?	Rio de Janeiro: Difel	2018
DAVIS, Angela	Mulheres, cultura e política	São Paulo: Boitempo	2017
DAVIS, Angela; KLEIN, Naomi	Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia	São Paulo: Boitempo	2020
DE BEAUVIOR, Simone	O segundo sexo	Rio de Janeiro: Nova Fronteira	2019
DELAP, Lucy	Feminismos: uma história global	São Paulo: Companhia das Letras	2022
DÍEZ Jorge, María Elena	Género y paz a través del arte: memorias y silencios construidos. In: DÍEZ JORGE, María Elena; SÁNCHEZ ROMERO, Margarita (org.). Género y paz	Barcelona: Icaria	2010
EVARISTO, Conceição	Olhos d'água	Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional	2016
EVARISTO, Conceição	Ponciá Vicêncio	Belo Horizonte: Mazza	2003
FEDERICI, Silvia	Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva	São Paulo: Elefante	2019
FEDERICI, Silvia	Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais	São Paulo: Boitempo	2019
FEDERICI, Silvia	O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo	São Paulo: Boitempo	2021

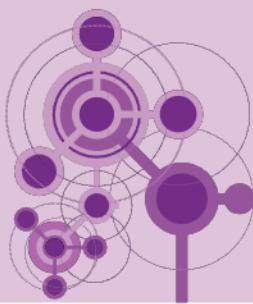
Continuará...



Quadro 4: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
FEDERICI, Silvia	O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista	São Paulo: Elefante	2019
FERREIRA, Verônica et al.	O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet, Nicole-Claude Mathieu	Recife: SOS Corpo	2014
FRASER, Nancy	Fortunas del feminismo: del capitalismo gestionado por el estado a la crisis neoliberal	Madrid: Traficantes de Sueños	2015
GAGO, Verónica	A potência feminista – ou o desejo de transformar tudo	São Paulo: Elefante	2020
HIRATA, Helena	O cuidado: teorias e práticas	São Paulo: Boitempo	2022
HIRATA, Helena	Pesquisas sociológicas sobre relações de gênero na França. In: DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA; NÚCLEO DE ESTUDOS DA MULHER E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO. Relações sociais de gênero e relações de sexo	São Paulo: CODAC-USP	1989
HOOKS, bell	O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras	Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos	2018
KENDALL, Mikki	Feminismo de barrio: lo que olvida el feminismo blanco	Madrid: Capitán Swing	2022
LERNER, Gerda	A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens	São Paulo: Cultrix	2019
LOURO, Guacira Lopes	Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista	Petrópolis: Vozes	1998
MAGALLÓN PORTOLÉS, Carmen	Mujeres en pie de paz: pensamiento y prácticas	Madrid: Siglo XXI	2006
MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia	Feminismo e política: uma introdução	São Paulo: Boitempo	2014
NOGUEIRA, Conceição	Interseccionalidade e psicologia feminista	Simões Filho: Devires	2017
OLIVEIRA, Niara de; RODRIGUES, Vanessa	Histórias de morte matada contadas feito morte morrida	São Paulo: Drops	2022
PINTO, Céli Regina Jardim	Uma história do feminismo no Brasil	São Paulo: Fundação Perseu Abramo	2003
PRECIADO, Beatriz	Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual	Madrid: Opera Prima	2002
SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani	Gênero, patriarcado, violência	São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo	2011

Continuará...



Quadro 4: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
SCHRUPP, Antje	Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano	São Paulo: Blucher	2019
SCOTT, Joan	História das mulheres. In: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas	São Paulo: Unesp	1992
SOLANO, Esther; COSTA, Beatriz Della; ROCHA, Camila (org.)	Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras	São Paulo: Boitempo	2022
SPIVAK, Gayatri Chakravorty	Pode o subalterno falar?	Belo Horizonte: UFMG	2010
TERRA, Bibiana (org.)	Dicionário feminista brasileiro: conceitos para a compreensão dos feminismos	São Paulo: Dialética	2022
VARELA, Nuria	Feminismo 4.0: la cuarta ola	Barcelona: Penguin Random House	2019
VARELA, Nuria	Feminismo para principiantes	Barcelona: Ediciones B	2008

FEMINISMO NEGRO

As experiências das mulheres negras, que, desde o período colonial brasileiro, não aceitaram com passividade a condição de escravidão, abriram caminhos para que fosse possível tratar teórica e metodologicamente dessas questões no tempo presente. Mesmo diante disso, sabendo que vivemos em um mundo imerso no racismo estrutural, ainda há muito a ser conquistado pela luta antirracista.

As correntes teóricas do feminismo negro no Brasil ganharam forças ao longo das décadas de 1970 e 1980. Intelectuais negras se dedicaram ao estudo da situação socioeconômica de mulheres negras e buscaram recontar histórias de luta e de conquistas do povo negro desde o período colonial.

Nos Estados Unidos, as intelectuais feministas negras também intensificaram suas produções a partir das décadas de 1970 e 1980 e são importantes referências nesses estudos, conforme poderá ser observado nos Quadro 5 e 6.

Quadro 5: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de et al.	Feminismos negros: mães de corpos marginais	Descolonizar o feminismo – Anais do VII Serenegra	2019
ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de et al.	História, memória e ressentimento: revisitando a trajetória de exclusão da população negra no Brasil	RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v.6, edição especial	2020
CARNEIRO, Sueli	Mulheres em movimento	Estudos Avançados, v.17, n.49	2003
CRENSHAW, Kimberlé	Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics	The University of Chicago Legal Forum, n.1	1989

Continuará...

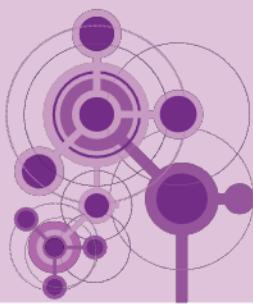
Quadro 5: Continuação

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
CRENSHAW, Kimberlé	Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero	Revista Estudos Feministas, v.10, n.1	2002
DOVE, Nah	Mulherisma africana: uma teoria afrocêntrica	Jornal de Estudos Negros, v.28, n.5	1998
GONZALEZ, Lélia	Racismo e sexismo na cultura brasileira	Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs	1984
MOUTINHO, Laura; ALVES, Valéria; CARMO, Milena Mateuzi	"Quanto mais você me nega, mais eu me reafirmo": visibilidade e afetos na cena negra periférica paulistana	Revista Tomo, n.28	2016
PEREIRA, Bergman de Paula	De escravas a empregadas domésticas: a dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição	Anais do XXVI Simpósio Nacional de História	2011
TOSOLD, Léa	Por uma vida sem barragens: corpos, território e o papel da autodeterminação na desnaturalização da violência	Revista de Antropologia, v.63, n.3	2020

Quadro 6: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
ADICHIE, Chimamanda Ngozi	O perigo de uma história única	São Paulo: Companhia das Letras	2019
ALMEIDA, Silvio	Racismo estrutural	São Paulo: Sueli Carneiro; Pôlen	2019
ALVES, Claudete	Virou regra?	São Paulo: Scortecci	2011
BENTO, Maria Aparecida da Silva	Pacto da branquitude	São Paulo: Companhia das Letras	2022
BENTO, Maria Aparecida Silva	Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público (Tese de doutorado em Psicologia)	São Paulo: Universidade de São Paulo	2002
BUENO, Winnie	Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins	Porto Alegre: Zouk	2020
CARNEIRO, Sueli	A construção do outro como não-ser como fundamento do ser (Tese de doutorado em Educação)	São Paulo: Universidade de São Paulo	2005
CARNEIRO, Sueli	Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ORGANIZAÇÃO ASHOKA EMPRENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA. Racismos contemporâneos	Rio de Janeiro: Takano	2003
CARNEIRO, Sueli	Escritos de uma vida	Belo Horizonte: Letramento	2018
COLLINS, Patricia Hill	Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment	London: Routledge	1991

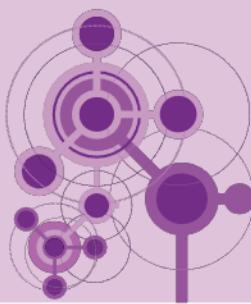
Continuará...



Quadro 6: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
COLLINS, Patricia Hill	Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento	São Paulo: Boitempo	2019
CRENSHAW, Kimberlé	A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV. AA. Cruzamento: raça e gênero	Brasília, DF: Unifem	2004
DAVIS, Angela	Mulheres, raça e classe	São Paulo: Boitempo	2016
EVARISTO, Conceição	Olhos d'água	Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional	2016
FANON, Frantz	Os condenados da terra	Rio de Janeiro: Civilização Brasileira	1961
FANON, Frantz	Pele negra, máscaras brancas	Salvador: UFBA	2008
FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro	Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro (Dissertação de mestrado em Direito)	Brasília, DF: Universidade de Brasília	2006
GONZALEZ, Lélia	A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais	Rio de Janeiro: Bazar do Tempo	2019
GONZALEZ, Lélia	Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos	Rio Janeiro: Zahar	2020
GONZALEZ, Lélia	Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa	São Paulo: Diáspora Africana	2018
GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos	Lugar de negro	Rio de Janeiro: Marco Zero	1982
HOOKS, bell	Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra	São Paulo: Elefante	2019
LIMA, Emanuel Fonseca et al. (org.)	Ensaios sobre racismos: pensamentos de fronteira	São José do Rio Preto: Balão Editorial	2019
MATTOS, Wilson Roberto de	Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador, 1850-1888)	Salvador: EDUNEB: EDUFBA	2008
MBEMBE, Achille	Crítica da razão negra	São Paulo: n-1 edições	2018
NASCIMENTO, Maria Beatriz	Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição	São Paulo: Filhos da África	2018
RATTS, Alex	Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento	São Paulo: Instituto Kuanza: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo	2007
RIBEIRO, Djamila	O que é lugar de fala?	Belo Horizonte: Letramento: Justificando	2017
RIBEIRO, Djamila	Pequeno manual antirracista	São Paulo: Companhia das Letras	2019
RIBEIRO, Djamila	Quem tem medo do feminismo negro?	São Paulo: Companhia das Letras	2018
SANTANA, Bianca	Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro	São Paulo: Companhia das Letras	2021

Continuará...



Quadro 6: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
SANTOS, Gislene Aparecida dos	A invenção do "ser negro": um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros	São Paulo: Educ: Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas	2002
SANTOS, Gislene Aparecida dos	Mulher negra, homem branco: um breve estudo do feminino negro	Rio de Janeiro: Pallas	2004
SCHWARCZ, Lilia Moritz	O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930	São Paulo: Companhia das Letras	1993
SILVA, Denise Ferreira da	Para uma poética negra feminista: a busca/questão da negridade para o (fim do) mundo. In: SILVA, Denise Ferreira da. A dívida impagável.	São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons	2019
SOUZA, Neusa Santos	Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social	Rio de Janeiro: Zahar	2021
WERNECK, Jurema	Políticas públicas para as mulheres negras	Rio de Janeiro: Criola	2010
WERNECK, Jurema	Saúde da população negra	Rio de Janeiro, Criola	2010
WERNECK, Jurema; IRACI, Nilza; CRUZ, Simone	Mulheres negras na primeira pessoa	Porto Alegre: Redes	2012

FEMINISMO E AS MULHERES DA FRONTEIRA (MESTIÇAS E INDÍGENAS LATINO-AMERICANAS)

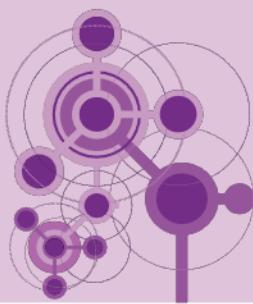
As teorias que discutem gênero e, posteriormente, os estudos sobre interseccionalidades colocam em evidência a importância de considerar marcadores sociais da diferença na produção de conhecimento e no auxílio às reflexões sobre os processos de (re)construção das identidades e de novas subjetividades que afloram dos sujeitos femininos emergentes dos entre-lugares e dos discursos fronteiriços.

A fronteira, segundo Gloria Anzaldúa (2005) é um espaço conflituoso e híbrido ocupado por indígenas, *chicanos* e imigrantes. O sujeito da fronteira¹—especialmente o sujeito feminino—vive em constante defesa de sua identidade étnica e de sua reconstrução identitária, pois as mulheres da “fronteira”, as “mestiças” (“*mestizas*”), têm suas subjetividades invisibilizadas em função das relações de poder existentes nesse espaço.

Sobre isso, Rita Segato (2012) descreve como a intrusão colonial destrói os tecidos sociais locais por meio da efetiva troca da dualidade, já existente nesses contextos pré-coloniais, pelo binarismo, característico do *ethos* europeu. Para a autora, a organização social de muitos grupos humanos era estruturada, antes da colonização, sobre uma dualidade hierárquica, assinalada por uma relação de complementaridade e reciprocidade. Esse fenômeno é evidente quando tratamos dos marcadores sociais de gênero.

De acordo com Segato (2012), antes da violência colonial, as categorias duais opostas “homem” e “mulher”, ainda que estabelecidas de maneira hierárquica e assimétrica, eram política e ontologicamente plenas, completas. Essa relação de complementaridade explica a possibilidade de existências múltiplas entre os dois lados da dualidade: as duas categorias opostas iniciais são apenas duas possibilidades de existência em uma continuidade infinita entre elas. Assim, a fluidez entre cada polo cria um amplo espaço para o surgimento e trânsito de múltiplas categorias não-binárias, também ontologicamente íntegras.

¹ O conceito de fronteira é utilizado neste estudo como metáfora de um espaço de travessias, de hibridismos e de incessantes trocas e negociações identitárias.



As referências apontadas nos Quadros 7 e 8 buscam elucidar esses conceitos e dar luz à invisibilidade das subjetividades das mulheres indígenas, *chicanas*, latino-americanas, quilombolas e imigrantes.

Quadro 7: Artigos publicados

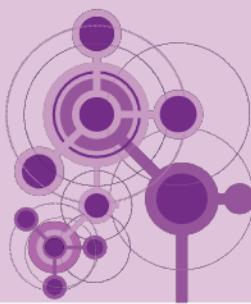
Autor/autores	Título	Periódico	Ano
ANZALDÚA, Gloria	Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo	Revista Estudos Feministas, v.8, n.1	2000
ANZALDÚA, Gloria	La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência	Revista Estudos Feministas, v.13, n.3	2005
COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana	Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”	Revista Estudos Feministas, v.13, n.3	2005
GUIZARDI, Menara Lube	Las mujeres y las regiones fronterizas latinoamericanas: movilidades, violencias y agencias	Nueva Sociedad, nº 289	2020
NASCIMENTO, Silvana de Souza	O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima	Revista de Antropologia, v.62, n.2	2019

Quadro 8: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
ANZALDÚA, Gloria	Cómo domar una lengua salvaje. In: GARCÍA, Cristina. Voces sin fronteras: antología vintage español de literatura mexicana y chicana contemporánea	New York: Vintage books	2007
FLORES, Juan; YUDICE, Jorge	Fronteiras vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). ¿Y nosotras latinoamericanas?: estudos sobre gênero e raça	São Paulo: Memorial	1992
KILOMBA, Grada	Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano	Rio de Janeiro: Cobogó	2019
LOBO, Patrícia Alves de Carvalho	Chicanas em busca de território: a herança de Gloria Anzaldúa (Tese de doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura)	Lisboa: Universidade de Lisboa	2015
MIGNOLO, Walter D.	Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar	Belo Horizonte: UFMG	2003
NIEMANN, Yolanda Flores et al. (ed.)	Chicana Leadership: The <i>Frontiers</i> Reader	Lincoln: University of Nebraska Press	2002
WALSH, Catherine (ed.)	Pensamiento crítico y matriz (de)colonial: reflexiones latinoamericanas	Quito: Universidad Andina Simón Bolívar: Abya-Yala	2005

FEMINISMO E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Os movimentos feministas, de maneira geral, buscam a equidade plena entre gêneros e o combate ao patriarcado dentro das particularidades de cada mulher. Os estudos, na perspectiva feminista e de gênero têm apresentado grandes avanços enquanto discutem as questões que envolvem raça/etnia, orientação sexual, classe social, religião, entre outros.



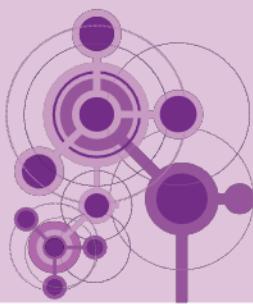
Dentre essas interseccionalidades, estão as mulheres com deficiência. Essas mulheres sofrem com o machismo mas também com o capacitismo (preconceito contra pessoas com deficiência), inclusive de outras mulheres, sem deficiência.

Pensando nisso, os Quadros 9 e 10 trazem uma relação de artigos e pesquisas acadêmicas sobre a intersecção entre gênero e deficiência. Essas produções científicas nos levam a pensar em questões como a corporeidade, a sexualidade, o cuidado e a interdependência, deixando clara a importância de se apontar a inclusão da deficiência como categoria de análise a ser considerada nos estudos e práticas sociais.

Quadro 9: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
ALMEIDA, Luciana Alves Drumond; VILELA, Elaine Meire	Realmente falta escolaridade? Estudo sobre as chances de ter um emprego formal (celetista ou estatutário) ou informal entre pessoas com e sem deficiência, por gênero	Contemporânea, v.11, n.2	2021
ALMEIDA, Welita Gomes de	Gênero e deficiência: a exclusão social de mulheres deficientes	Anais do II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais – Culturas, Leituras e Representações	2009
ARAÚJO, Elizabeth Alice Barbosa Silva de; FERRAZ, Fernando Basto	O conceito de pessoa com deficiência e seu impacto nas ações afirmativas brasileiras no mercado de trabalho	Anais do XIX Encontro Nacional	2010
CAMARGO, Roberta	Quilombo PCD: coletivo une luta antirracista à anticapacitista	Alma Preta Jornalismo, 3 mar. 2021	2021
DAVY, Laura	Philosophical inclusive design: intellectual disability and the limits of individual autonomy in moral and political theory	Hypatia, v.30, n.1	2015
DE BOER, Tracy	Disability and sexual inclusion	Hypatia, v.30, n.1	2015
DINIZ, Debora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino dos	Deficiência, direitos humanos e justiça	Sur, v.6, n.11	2009
EUGÊNIO, Josiane; SILVA, Alex Sander da	"Os professores não sabiam o que fazer comigo!": reflexões interseccionais de uma mulher negra com deficiência	Educação em Revista, v.23, n.1	2022
FONTES, Maria	Mídia, mulheres deficientes e cultura: uma análise dos processos de afirmação cultural do corpo feminino ideal e de rejeição ao corpo deficiente	Anais do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação	2002
GARCÍA, Vinicius Gaspar	Panorama da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho no Brasil	Trabalho, Educação e Saúde, v.12, n.1	2014
GARLAND-THOMSON, Rosemarie	Feminist disability studies	Signs, v.30, n.2	2005
GOMES, Ruthie Bonan et al.	Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência	Revista Estudos Feministas, v.27, n.1	2019

Continuará...



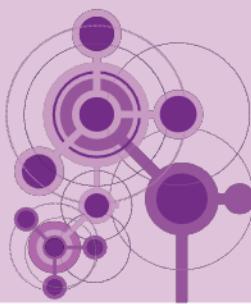
Quadro 9: Continuação

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
HALL, Kim Q.	New conversations in feminist disability studies: feminism, philosophy, and borders	Hypatia, v.30, n.1	2015
MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al.	A importância das relações familiares para a sexualidade e a autoestima de pessoas com deficiência física	Portal dos Psicólogos, 6 fev. 2010	2010
MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique	Gênero e deficiência: interseções e perspectivas	Revista Estudos Feministas, v.20, n.3	2012
NICOLAU, Stella Maris; SCHRAIBER, Lilia Blima; AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita	Mulheres com deficiência e sua dupla vulnerabilidade: contribuições para a construção da integralidade em saúde	Ciência & Saúde Coletiva, v.18, n.3	2013
ROSA, Natália	A invisibilidade da mulher com deficiência no movimento feminista.	Brasil Escola	2018
SANTOS, Mônica Pereira dos; SANTIAGO, Mylene Cristina	Com deficiência, mulher e refugiada: uma tríade omnileticamente interseccional	Revista Educação Especial, v.34	2021
VERONEZI, Daniela Priscila de Oliveira; RIBEIRO, Geisa Müller de Campos; GOMES, Suely Henrique de Aquino	Mulheres com deficiência na docência brasileira	Em Questão, v.28, n.2.	2022
VIDAS NEGRAS COM DEFICIÊNCIA IMPORTAM	Racismo e capacitismo!	Vidas Negras com Deficiência Importam, 28 fev. 2021	2021
VIÑUELA SUÁREZ, Laura	Mujeres con discapacidad: un reto para la teoría feminista	Feminismo/s, n.13	2009

Quadro 10: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
BUTLER, Judith	Precarious life: the powers of mourning and violence	London: Verso	2004
CARDOSO, Flávia Pieretti; PINTO, Maria Leda; LACERDA, Léia Teixeira	Memória discursiva sobre a violência de gênero na voz de mulheres com deficiência	Curitiba.: Brazil Publishing	2021
DAVIS, Lennard J.	Constructing normalcy: the bell curve, the novel, and the invention of the disabled body in the nineteenth century. In: OBASOGIE, Osagie K.; DARNOVSKY, Marcy (ed.). Beyond bioethics: toward a new biopolitics	Berkeley: University of California Press	2018
DINIZ, Debora	O que é deficiência	São Paulo: Brasiliense	2007
FIGUEIRA, Emílio	As pessoas com deficiência na história do Brasil: uma trajetória de silêncio e gritos!	Rio de Janeiro: Wak	2021

Continuará...



Quadro 10: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
GARCIA, Vinicius Gaspar	Pessoas com deficiência e o mercado de trabalho: histórico e contexto contemporâneo (Tese de doutorado em Desenvolvimento Econômico)	Campinas: Universidade Estadual de Campinas	2010
GESSE, Marivete	Gênero, deficiência e a produção de vulnerabilidades. In: VEIGA, Ana Maria et al. (org.). Mundos de mulheres no Brasil	Curitiba: CRV	2019
GESSE, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (org.)	Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social	Curitiba: CRV	2020
KELLER, Helen	A história da minha vida	Rio de Janeiro: Jose Olympio	2008
LOBO, Lilia Ferreira	Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil	Rio de Janeiro: Lamparina	2009
LOPES, Stefano Máximo	A pessoa com deficiência e o mercado de trabalho: um estudo na microrregião de Itajubá-MG (Dissertação de mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade)	Itajubá: Universidade Federal de Itajubá	2019
NUNES, Jô; LODDI, Cristina	Mãe Coragem – Convivendo com a Síndrome de Williams	São Paulo: Scortecci	2014
SATOW, Suely Harumi	Paralisado cerebral: construção da identidade na exclusão	Taubaté: Cabral	2010
SILVA, Neidi Liziane Copetti da (org.)	Reflexões sobre o protagonismo da pessoa com deficiência em diferentes contextos	Campo Grande: Inovar	2020
TEIXEIRA, Lelei	E fomos ser <i>guache</i> na vida	Porto Alegre. Pubblicato	2020

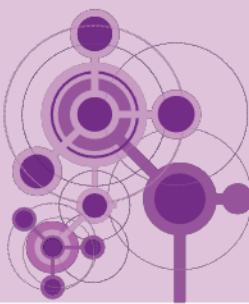
FEMINISMO E MATERNIDADE

Uma das principais pautas do feminismo é a quebra de estereótipos. A maternidade, tal como formatada pelo patriarcado, chega para as mulheres carregada de estereótipos e supostas "dificuldades" que muitas vezes as impedem de ocupar os mesmos lugares que os homens, ou de concorrer às mesmas posições hierárquicas, por exemplo. Aos homens, mesmo os pais, cabe a responsabilidade de prover o lar, sem maiores preocupações em deixar de realizar suas atividades para cuidar de seus filhos (Biroli, 2018).

Falar em feminismos e maternidade representa um desafio político e emancipatório. Por isso, trata-se de reconhecer o valor social das mulheres mães, além de seus valores políticos e econômicos, que têm sido historicamente negados a elas.

Os movimentos feministas colocam em pauta estas questões e buscam reformular o conceito de maternidade, reivindicando a possibilidade de as mulheres poderem viver suas experiências com a maternidade fora das restrições de um sistema patriarcal e capitalista, que opõe e submete a experiência materna à exclusiva função do cuidado com os filhos e com o lar (Vivas, 2021).

Para Esther Vivas (2021) a maternidade não é apenas uma responsabilidade que a sociedade julga como sendo individual, mas, sim, uma atividade coletiva, que colabora para o constante desenvolvimento da sociedade. A autora questiona os ideais



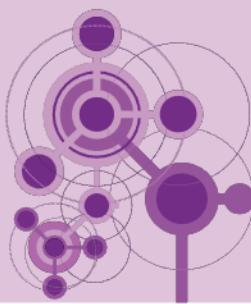
que foram socialmente estabelecidos sobre uma “maternidade inatingível”, que vive exclusivamente a serviço do patriarcado e do neoliberalismo. A proposta desta autora, de tantas outras feministas e de autores que discutem essa questão é olhar para as experiências maternas a partir de uma lente feminista e igualitária. As referências apresentadas nos Quadros 11 e 12 corroboram os pontos apresentados neste tópico e enriquecem a discussão sobre o tema.

Quadro 11: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
GIRARDI, Giovana.	Produção científica de mulheres e mães despenca em meio à pandemia de coronavírus	Byte, 18 maio 2020	2020
MENDONÇA, Maria Collier de	O feminismo matricêntrico e o ativismo feminista no Motherhood Initiative for Research and Community Involvement (MIRCI), liderado por Andrea O'Reilly	Anais da III Jornadas do LEGH: feminismo e democracia	2018

Quadro 12: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
ADICHIE, Chimamanda Ngozi.	Para educar crianças feministas: um manifesto	São Paulo: Companhia das Letras	2017
ANGELOU, Maya	Mamãe & eu & mamãe	Rio de Janeiro: Roda dos Tempos	2018
BADINTER, Elisabeth	O conflito: a mulher e a mãe	Rio de Janeiro: Record	2011
BADINTER, Elisabeth	Um amor conquistado: o mito do amor materno	Rio de Janeiro: Nova Fronteira	1985
DOUCET, Andrea	Do men mother? Fathering, care, and domestic responsibility	Toronto: University of Toronto Press	2006
EMECHETA, Buchi	As alegrias da maternidade	Porto Alegre: Dublinense	2018
FIRESTONE, Shulamith	A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista	Rio de Janeiro: Labor	1976
HETI, Sheila	Maternidade	São Paulo: Companhia das Letras	2019
LEITE, Tayná	Gestar, parir, amar: não é só começar: O que você sabe – e o que você <i>realmente</i> deveria saber sobre maternidade	Belo Horizonte: Letramento	2019
HALLSTEIN, Lynn O'Brien; O'REILLY, Andrea (ed.)	Academic motherhood in a post-second wave context: challenges, strategies and possibilities	Bradford: Demeter Press	2012
MENDONÇA, Maria Collier de	Grávidas, mães e a comunicação publicitária: uma análise semiótica das representações da gravidez e maternidade na publicidade (Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica)	São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2010
O'REILLY, Andrea	Matricentric feminism: theory, activism, practice	Bradford: Demeter Press	2016
VILAINE, Anne-Marie de; GAVARINI, Laurence; LE COADIC, Michèle	Maternité en mouvement: les femmes, la re/production et les hommes de science	Grenoble: PUG; Montreal: ESM	1986
VIVAS, Esther	Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade	São Paulo: Timo	2021
SLIMANI, Leila	Canção de ninar	São Paulo: Planeta	2018



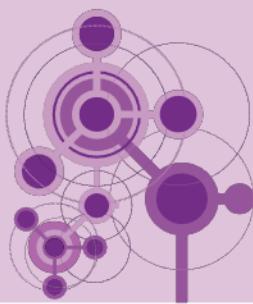
TRANSFEMINISMOS

Ainda no que diz respeito à sexualidade, no binarismo do “um” (universal, canônico, neutro) e seu “outro” (resto, sobra, resíduo, deformação, margem), os trânsitos – antes tidos como naturais pela realidade múltipla da dualidade – passam a ser violentamente colonizados. São, pois, encerradas as circulações entre as posições e o gênero é, efetivamente, revestido pela heteronormatividade ocidental. Na modernidade, passam a ser necessários direitos de proteção contra LGBTQIA+fobia e políticas de promoção de igualdade e liberdade de orientação sexual e identidade de gênero, como o reconhecimento legal do casamento entre pessoas do mesmo sexo, proibido na realidade colonial moderna e aceito e celebrado em inúmeros e diversos povos indígenas (Segato, 2012). Nesse contexto de resistência, as teorias feministas se voltam a discutir questões relacionadas à transgeneridade e à transexualidade como forma de combater o machismo vivenciado dentro dessas comunidades. Os Quadros 13 e 14 expõem algumas obras que contemplam essas questões.

Quadro 13: Artigos publicados

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
ARÁN, Márcia	A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero	Ágora, v.9, n.1	2006
BARBOSA, Bruno Cesar	“Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual	Sexualidad, Salud y Sociedad, n.14	2013
BUTLER, Judith	Desdiagnosticando o gênero	Physis, v.19, n.1	2009
COACCI, Thiago.	Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão	História Agora, v. 1	2014
COSTA, Claudia de Lima	O sujeito no feminismo: revisitando os debates	Cadernos Pagu, n.19	2002
FERREIRA, Leda	O que o transfeminismo significa pra mim	Transfeminismo, 30 jan. 2013	2013
JESUS, Jaqueline Gomes de	Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista	Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10	2013
JESUS, Jaqueline Gomes de	Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo	Universitas Humanística, n.78	2014
JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey	Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais	Revista Cronos, v.11, n.2	2010
LAURETIS, Teresa de	Feminism and its differences	Pacific Coast Philology, v.25, n.1/2	1990
MISKOLCI, Richard	A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização	Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil	2007
PELÚCIO, Larissa	Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids	Saúde e Sociedade, v.20, n.1	2011
PELÚCIO, Larissa	“Mulheres com algo mais” – corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti	Revista Versões, v.3	2007

Continuará...



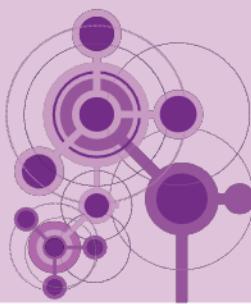
Quadro 13: Continuação

Autor/autores	Título	Periódico	Ano
PELÚCIO, Larissa	Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer	Contemporânea, v.2, n.2.	2012
SIMAKAWA, Viviane V.	Pela descolonização das identidades trans	Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH	2012

Quadro 14: Livros e trabalhos publicados

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
AZERÊDO, Sandra	Preconceito contra a "mulher": diferença, poemas e corpos	São Paulo: Cortez	2011
BAGAGLI, Beatriz P.	Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo (Dissertação de mestrado em Linguística)	Campinas: Universidade Estadual de Campinas	2019
BENTO, Berenice	A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual	Rio de Janeiro, Garamond	2006
BENTO, Berenice	Gênero: uma categoria cultural ou diagnóstica? In: ARILHA, Margareth; LAPA, Thais; PISANESCHI, Tatiane (org.). Transexualidade, travestilidade e direito à saúde	São Paulo: Oficina	2010
BENTO, Berenice	Homem não tece dor: queixas e perplexidades masculinas	Natal: EDUFRN	2012
BENTO, Berenice	O que é transexualidade	São Paulo: Brasiliense	2008
BENTO, Berenice	Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos	Salvador: Edufba	2017
BUTLER, Judith	Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade	Rio de Janeiro, Civilização Brasileira	2003
FEINBERG, Leslie	Transgender liberation: a movement whose time has come. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. The transgender studies reader	New York: Routledge	2006
JESUS, Jaqueline Gomes de	Feminicídio de mulheres trans e travestis: o caso de Laura Vermont. In: PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa (org.-). Feminicídio: #InvisibilidadeMata	São Paulo: Instituto Patrícia Galvão	2017
JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey	Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: JESUS, Jaqueline Gomes de et al. (org.). Transfeminismo: teorias e práticas	Rio de Janeiro: Metanoia	2014
KOYAMA, Emi	Transfeminist Manifesto. In: DICKER, Rory; PIEPMEIER, Alison (ed.). Catching a wave: reclaiming feminism for the 21st century	Boston: Northeastern University Press	2003
LEITE JÚNIOR, Jorge	Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico	São Paulo: Annablume	2011

Continuará...



Quadro 14: Continuação

Autor	Capítulo e/ou livro	Local e editora	Ano
LOURO, Guacira Lopes	Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer	Belo Horizonte: Autêntica	2015
NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do	Transfeminismo	São Paulo: Jandaíra	2021
SALIH, Sara	Judith Butler e a teoria queer	Belo Horizonte: Autêntica	2012
SERANO, Julia	Whipping girl: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity	New York: Seal Press	2007
TEIXEIRA, Flávia	Dispositivos de dor: saberes-poderes que (con)formam as transexualidades	São Paulo: Annablume: Fapesp	2013
VIEIRA, Helena; BAGAGLI, Beatriz Pagliarini	Transfeminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Explosão feminista	São Paulo: Companhia das Letras	2018
WITTIG, Monique	El pensamiento heterossexual y otros ensayos	Barcelona: Egalets	2006

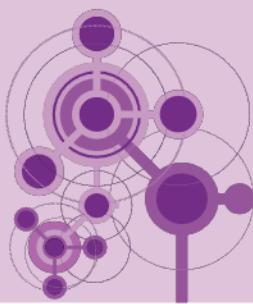
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema binário, constituído a partir de um modelo colonial, de um lado, opõe e, de outro, empodera as masculinidades racializadas, obrigando-as a reproduzir os papéis de controle inerentes ao sujeito masculino no único ambiente em que se torna possível restaurar sua virilidade: na aldeia, frente às mulheres, agora domesticadas e desprovidas de poder político. A eles também foi conferido o acesso privilegiado a recursos e conhecimentos sobre o mundo do poder, enquanto elas viram seu espaço de poder, o doméstico, expropriado de tudo que nele fosse político (Segato, 2012).

Como consequência do processo de binarização, a sexualidade também foi transformada, sendo nela injetada uma moralidade que antes não existia no mundo-aldeia. Essa nova moralidade, moderna e ocidental, reduz o corpo das mulheres a objeto, isto é, passível de ser instrumentalizado pelos homens a depender de suas vontades, ao passo que também introduz uma noção de pecado nefasto, crime hediondo e outras noções correlatas ao corpo das mulheres e à sexualidade no geral. Essa objetificação e exteriorização da sexualidade fazem parte do que Segato (2012, p.120) denomina “olhar pornográfico”, o olhar colonizador derivado da exterioridade colonial moderna: “exterioridade da racionalidade científica, exterioridade administradora, exterioridade expurgadora do outro e da diferença”.

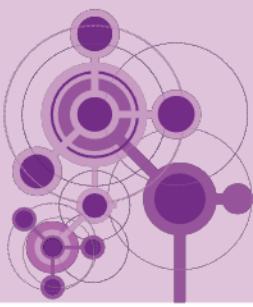
Fica evidente, assim, que a lógica ocidental de categorização binária não suporta o que existe nas intersecções (Lugones, 2008). Como resultado, categorias como mulheres, negras(os), indígenas, *mestizas(os)*, *chicanas(os)*, asiáticas(os), intersexuais, transexuais, pessoas com deficiência e suas múltiplas intersecções são marginalizadas, e a elas é atribuída uma existência residual subalternizada, outrificada, objetificada.

Diante disso, este “guia bibliográfico” é um aporte sobre as distintas correntes feministas, deixando claro seu caráter limitado sobre o assunto. Sua relevância está na transversalidade com a área da comunicação, a qual carece destas discussões e urge por estudos que compreendam os processos comunicacionais a partir de outras lentes e outros paradigmas, bem como para elaboração de novas metodologias, análises e, consequentemente, resultados que construam pensamentos que transcendam as discussões restritas ao campo da comunicação.



REFERÊNCIAS

- ALDOORY, Linda; TOTH, Elizabeth Lance. Gender discrepancies in a gendered profession: a developing theory for public relations. *Journal of Public Relations Research*, Abingdon, v.14, n.2, p.103-126, 2002. doi:https://doi.org/10.1207/S1532754XJPRR1402_2.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.3, p.704-719, 2005. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015>.
- BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- CROUCH, Betsy. Finding a voice in the academy: the history of women's studies in higher education. *The Vermont Connection*, Vermont, v.33, n.1, p.16-23, 2012.
- D'AZEVEDO, Martha Aalves. *Relações públicas: teoria e processo*. Porto Alegre: Sulina, 1971.
- FERRARI, Maria Aparecida. A prática das relações públicas no cenário brasileiro e latino-americano. In: GRUNIG, James E.; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. *Relações públicas: teoria, contexto e relacionamentos*. 2.ed. São Caetano do Sul: Difusão, 2011. p.197-246.
- FERRARI, Maria Aparecida. *Perfil dos cursos de relações públicas no Brasil: uma visão dos coordenadores e docentes do processo ensino-aprendizagem*. 2017. Tese (Livre-Docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- GALTUNG, Johan. *Paz por medios pacíficos: paz y conflicto, desarollo y civilización*. Gernika-Lumo: Bakeaz, 2003.
- HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.17-18, p.139-156, 2002. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100006>.
- GRUNIG, James E. A função das relações públicas na administração e sua contribuição para a efetividade organizacional e societal. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, ano24, n.39, p.67-92, 2003. doi:<https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v24n39p67-92>.
- GRUNIG, Larissa A.; TOTH, Elizabeth Lance; HON, Linda Childers. Women in public relations: how gender influences practice. New York: Guilford Press, 2001.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 1986.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. *Tabula Rasa*, Bogotá, n.9, p.73-101, 2008.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.22, n.3, p.935-952, 2014. doi:<https://doi.org/10.1590/%25x>.
- MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.18, n.36, p.67-92, 2010.



PERUZZO, Cicilia Krohling. *Relações públicas no modo de produção capitalista*. São Paulo: Summus, 1986.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos CES*, Coimbra, n.18, p.106-131, 2012. doi:<https://doi.org/10.4000/eces.1533>.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*: um olhar feminista sobre a maternidade. São Paulo: Timo, 2021.

WEY, Hebe. *O processo de relações públicas*. São Paulo: Summus, 1983.

Artigo recebido em 30.01.2023 e aprovado em 15.02.2023.